

**PE  
GA  
SUS**



**SUE HECKER**

**PE  
GA  
SUS**

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021  
Copyright © Sue Hecker, 2019

Todos os direitos desta edição reservados ao autor e ao Grupo Editorial Coerência. Direitos desta edição negociados pela Authoria Agência Literária & Studio. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

PRODUÇÃO EDITORIAL  
**Bianca Gulim**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

PREPARAÇÃO  
**Gabriela Vescovi**

REVISÃO  
**Jadna Alana**

CAPA  
**Décio Gomes**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Hecker, Sue  
Pegasus / Sue Hecker. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-40-4

1. Ficção brasileira 2. Romance erótico I. Título

CDD: 869.3



**São Paulo**  
Avenida Paulista, 326,  
cj 84 - Bela Vista  
São Paulo | SP – 01.310-902  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

# INTRODUÇÃO

“Uma vez a Saori disse que todo ser humano deve viver de acordo com as estrelas sob as quais nasceu. Alguns nascem sob estrelas de sorte; outros, sob estrelas de azar. Mas eu só posso dizer que eu farei o possível, sejam quais forem as minhas estrelas.”

Seiya de Pégaso

## *Major Bastos*

O fascínio por ver um papel branco sendo dobrado, desdobrado e dobrado novamente, formando um avião, foi o primeiro grande momento responsável por desencadear em mim a paixão pela aviação.

Lembro-me de, quando o lancei ao vento, sentir como se embarcasse dentro dele e voasse. A satisfação inocente de ser o responsável pelo destino daquele frágil protótipo me fascinara. Naquele dia, o céu estava azul, e os pássaros voavam, próximos. Eu queria mais... Muito mais. Imaginava o pequeno avião cortando as nuvens, que se assemelhavam a bolas de algodão, e desbravando mistérios que meus olhos só viam de longe. Logo adiante, o pouso rasante me fez correr até ele, extasiado de alegria.

Começar a construir outros aviões de modelos arrojados, com ousadas dobraduras, passou a ser o meu maior passatempo. Havia aprendido a identificar os modelos adequados a cada condição climática e só pensava em voar. Se não estivesse lançando os aviões ao vento, estaria na laje soltando pipa.

Os meninos da minha idade preferiam largos campos ou ruas e avenidas para soltar suas pipas, enquanto eu preferia equilibrar-me no telhado, a fim de obter uma visão mais ampla da minha área. Por observar tudo de cima, sempre sabia qual era o momento certo de agir. Já naquela idade, considerava-me um ás da aviação, apaixonado pela velocidade e pela

altitude a que poderiam chegar minhas pipas e meus aviões de papel. Eu não tinha medo de levar meus brinquedos às alturas. Afinal, nunca ouvira que um objeto pudesse colidir com o céu.

Os anos foram se passando, e a responsabilidade com os estudos passaram a me consumir: tudo aquilo cessara, temporariamente, afastando-me do meu maior hobby e sonho. No último ano do colégio, os vestibulares se aproximavam, mas eu não sabia qual curso escolher. Meu pai insistia para que fizesse Engenharia Mecânica, e, ao mesmo tempo, minha mãe jurava que eu viria a ser um excelente arquiteto. Para o desagrado de ambos, meu melhor amigo Enzo — hoje Tenente Marcondes — contara-me que prestaria concurso para a Academia da Força Aérea (AFA), e foi assim que o desejo infantil de poder pilotar um avião voltou a se impregnar em mim.

Eu dormia e acordava pensando na possibilidade de me candidatar ao concurso da AFA. Nunca havia pensado em seguir a carreira militar; sonhava apenas com a aviação. Contudo, quanto mais me informava sobre o edital do concurso, mais ficava convicto de que aquele seria o meu futuro — a certeza se firmava de forma crescente dentro de mim.

Quando fiz a inscrição e comuniquei aos meus pais, já tinha ensaiado todos os argumentos para responder às possíveis objeções, imaginando que discordariam da decisão, mas tudo foi em vão. Eles rapidamente me surpreenderam: ficaram felizes e me parabenizaram pela decisão. Naquele momento, o apoio dos meus pais era tudo de que eu precisava para mergulhar na oportunidade.

Preparei-me como nunca fizera, estudando para a prova por dias e noites, fazendo leituras, resumos e exercícios por horas. Eu estava determinado a ver meu nome na lista dos aprovados... No entanto, ao pegar o resultado da classificação, acabei me frustrando. Havia setenta vagas, mas minha colocação tinha sido a de 323. Fiquei inconformado e repetia as mesmas indagações incessantemente: *por que não consegui? O que deu errado?*

Enzo me ligou para contar que a colocação dele havia sido ainda pior que a minha. Aquilo não me serviu de consolo, mas o que ele disse em seguida reavivou as minhas esperanças:

— Vitão, ainda não estamos fora. Muitos desistem ou não passam nos exames médicos.

— Onde você viu isso, cara? — perguntei, nervoso.

O coração parecia prestes a sair pela boca.

— Tenho conhecidos que já pegaram classificações muito piores e estão terminando a formação na AFA.

— Enzo, não estou acreditando nisso!

— Por que? Ainda estamos no páreo, piá. Prepare-se. Fizemos a prova aqui em Curitiba, mas a avaliação médica será em São Paulo. Pelo que li no edital, teremos que fazer uma parafernália de exames. Nada fáceis, para ser sincero.

Ouvir aquilo foi animador e angustiante ao mesmo tempo, pois minha família sobrevivia dos bicos do meu pai e do artesanato da minha mãe. Então, uma ida a São Paulo geraria custos de que eu não estava certo se poderiam pagar. Meu silêncio, por certo, preocupou Enzo.

— Ficou mudo por quê? Tudo isso é medo dos exames ou tem algum problema médico? É fimose, varicocele ou hemorroida? — brincou. — Relaxa, piá, ninguém vai descobrir seus segredinhos.

— Está sabendo bem... Será que essa preocupação não é sua, em vez de minha? — rebati e o ouvi rir. — Essas coisas nem passaram pela minha cabeça, meu problema é grana. Aqui em casa, as coisas estão difíceis, e ir para São Paulo é caro, não sei se vai rolar.

Conhecera Enzo no primeiro colegial, quando fora morar com os avós em Curitiba. Na época, soubera apenas que ele tinha tomado essa decisão depois de uma briga séria com o pai, que morava no Mato Grosso do Sul. A família Marcondes parecia bastante desunida, mas era bem abastada. Pelo que havia entendido, eles eram donos também de áreas agrícolas no estado do Paraná.

Embora sempre tenha deixado claro o quanto amava a irmã e sentia falta dela — que tinha ficado morando na fazenda com o pai —, meu amigo nunca revelara nada além disso. Enzo era reservado e falava pouco sobre assuntos pessoais, mas dinheiro, com certeza, não era seu problema. Mesmo assim, ainda que fosse o maior piá de prédio, era extremamente humilde.

— Tenho um tio que mora lá, e podemos pousar na casa dele. E a carona é o de menos, você vem comigo.

— Capaz que ficarei na sua cola. Já não chega o que faz por mim? Estou devendo uns cinquentões para você.

Enzo era daqueles amigos que jamais se importavam com dinheiro e, se fosse preciso, pagavam tudo para todos. Eu vivia tentando abrir seus olhos, mas o piá não estava nem aí. Para ele, o que importava era a diversão.

— Deixe para me pagar quando for general. Até lá, renderá um bom dinheiro, e a recompensa será muito melhor do que apenas uma carona.

Agora, pare de besteira e venha comigo correr atrás do seu sonho. O céu não é nosso limite — finalizou.

Aquelas palavras foram como um bálsamo para a minha frustração, e, assim, voltei a acreditar. Ele tinha razão em todos os sentidos: chegar a São Paulo foi tranquilo e, embora a prova teórica não tenha sido fácil, não fora nada se comparada às outras etapas. Por exemplo, os exames médicos no hospital da Aeronáutica foram extremamente rigorosos. A cada candidato que reprovava, aumentavam as nossas esperanças; quanto mais eles diminuía, mais vibrávamos.

— Mais uma, cara... — incentivou-me após passarmos por mais uma etapa.  
— É isso aí, piá! Vamos buscar essa vaga! — comemorei.

Depois dos exames médicos, veio o psicológico, e mais uma etapa foi vencida por nós. Nesse momento, restavam poucos candidatos à nossa frente. O teste seguinte, alguns meses depois, foi o físico. Para completar mais esse desafio, não medi esforços e dei o meu máximo, levando meu corpo ao limite a fim de depositar na prova toda a vontade e a gana de alcançar o objetivo final.

Eu corri a quilometragem estabelecida em doze minutos, sendo que a média habitual registrada, pelo que havia pesquisado, era de treze. Aquilo significava que tinha ido muito bem. Vencendo meus próprios limites, fiz as flexões exigidas e os abdominais dentro do tempo cronometrado pelo instrutor. Nessa fase, Enzo e eu pouco nos falamos, mas um sabia da torcida do outro.

Vencida essa etapa, a quarta e última fase foi o TAPMIL — Teste de Aptidão à Pilotagem Militar —, em Pirassununga, dentro da própria academia. Na sala, cheia de computadores com simuladores de voo e manches, acabei escolhendo um e me posicionando à frente de um teclado com botões coloridos nos mais diferentes formatos. Meus olhos brilhavam, deslumbrados: aquele era o meu momento...

Após as devidas orientações, os testes começaram. Na simulação, eu pilotava o avião e, ao mesmo tempo, precisava responder a perguntas aleatórias e exercer várias funções, sem perder o foco. Uma voz no fone de ouvido fazia questões de matemática para que eu respondesse; enquanto isso, cada vez mais o nível do simulador ia se elevando. Era uma verdadeira prova de multitarefas, e, naquele momento, descobri que realmente tinha nascido para ser piloto.

Por fim, passei no teste, e felizmente meu amigo também.

— Estamos dentro. — Enzo não parava de repetir.

– Não estou acreditando até agora. Que louco tudo isso!

Comemoramos em grande estilo, bebendo todas em um bar, realizados por termos passado por tantas etapas com sucesso e estarmos ali, aprovados. Dias depois, vi-me organizando tudo o que era preciso para me mudar de Curitiba para a Academia em Pirassununga, onde faríamos o estágio de adaptação. Quando estávamos prontos, e vi que abandonaria tudo o que conhecia, a ficha caiu. Aquele seria o meu mais árduo desafio: a partir dali, estaria indo embora de casa. Senti um misto de medo, incerteza e contraditória determinação. Não era como se estivesse despreparado, apenas a sensação esmagadora do desaparego familiar me tomava.

Sendo o filho do meio de cinco irmãos, eu tinha responsabilidades e não poderia falhar. Meus pais sempre fizeram muitos sacrifícios para nos educar e estiveram presentes quando mais havíamos precisado. Na academia, se as coisas não dessem certo no final do dia, eu estaria sem o aconchego, um abraço ou o carinho dos meus pais. Ali, estaríamos apenas a independência e eu.

Esta era a minha maior indecisão: estava preparado para tudo o que aquilo significava? Quando perceberam todas as incertezas, meus pais me deixaram livre para fazer minha própria escolha.

Na noite anterior à partida, meu pai entrou no quarto, sentou-se ao meu lado e me disse algo encorajador, que tocou meu coração:

– E aí, piá, preparado?

Bem, eu estava feliz. Preparado, não.

– Você parece bem com a minha partida... – brinquei com ele, esbarrando no seu ombro.

Meu pai sempre foi um homem forte. Eu e meus irmãos costumávamos brincar que Brutus tinha roubado a Olívia Palito do Popeye, já que ele e minha mãe se pareciam muito com os personagens.

– De fato, estou.

Espantado, eu o encarei.

– Você fala como se não fosse sentir saudade.

– Eu o criei para ser um homem vencedor, piá. Não um mimado castrado de suas potencialidades. Tem um futuro brilhante pela frente. Sabe, o brilho que via nos seus olhos, quando criança, ao ver um avião, me dá certeza de que será muito feliz e realizado com sua profissão. – O braço pesado me abraçou pelo ombro. – Vá atrás do seu sonho e seja o melhor no que fizer!

Emocionado, eu o abracei, deixando as lágrimas lavarem todos os receios e me fortalecendo com a ideia de que venceria. Senti um misto de coragem e paz, por saber que aquele homem de que sempre havia me orgulhado tanto estava me dando a sua benção para seguir meu futuro.

Pouco depois, iniciou-se o estágio de adaptação na Academia da Força Aérea, que durou quarenta dias. Foram os piores que eu havia vivenciado até então. Quando cheguei, conhecia somente Enzo, mas em pouco tempo fizemos amizades com outros candidatos, o que foi positivo. Contudo, os contatos foram diminuindo, dia após dia, conforme os outros estagiários, por não aguentarem a pressão, iam se desligando.

Afinal, seguir as normas militares que os veteranos nos impunham e ensinavam não era uma tarefa fácil. Aprender a obedecê-las, então, levava-nos ao limite. Para muitos, isso se tornou quase impossível, e eles batiam de frente com nossos superiores, ocasionando uma inaceitável violação das regras. Diante disso, eu e Enzo nos incentivávamos:

– Cadete Bastos, aguente firme! Não vamos fraquejar nesta porra!

– Você também, cadete Marcondes. Nada de pedir para sair! — eu afirmava.

Naquela época, sentíamos orgulho de nos nomear pela patente.

– É isso aí. Capitão Nascimento aqui não tem vez — brincava Enzo, fazendo uma referência ao filme *Tropa de Elite*.

Por mais que nos esforçássemos, na tentativa de apoiar uns aos outros, tudo era muito difícil. Estávamos todos no limite. Aqueles foram os dias em que menos dormi na vida: eu cochilava por entre duas e quatro horas por noite. Diante disso, não conseguia mais raciocinar direito, meu humor estava péssimo, e meus reflexos estavam mais lentos, fora da normalidade. O jeito foi usar o instinto de sobrevivência para continuar. Até café, bebida de que nunca gostei, passei a apreciar. Ali aprendi, de forma dura e cruel, o significado da palavra “determinação”, porque, para conquistar meu sonho, seria necessário definir metas objetivas e claras.

Eu estivera decidido a ser um grande piloto e consegui; finalmente, recebi minha primeira platina. Ver o acessório no meu ombro, indicando minha graduação, teve um grande significado para mim: superara as dificuldades e vencera. A partir de então, tudo o que quisesse, eu conseguiria.

# PRÓLOGO

“Eu vou, sim, para o inferno, e você será meu guia.”

Ikki de Fênix

*Mayara*

A festa *rave* estava agitada. Mal conseguia acreditar que estava ali, longe da família, em um sítio nas redondezas de Campo Grande, quase na divisa com Três Lagoas... Se sair de casa já era uma novidade, viajar por duas horas só para ir a uma festa como aquela era ainda mais.

Eu precisava de um momento como aquele, de liberdade. Estava cansada dos mandos e desmandos machistas do meu pai e do meu irmão. Na opinião deles, eu deveria viver enclausurada no casarão da fazenda durante minha vida toda, longe dos olhos dos outros homens, predadores selvagens.

Era isso o que acontecia com a única mulher em uma família de militares: os homens tinham tendências superprotetoras irritantes. No entanto, embora eu tenha nascido e sido criada na fazenda, jamais havia imaginado que uma ampla área de pasto poderia se transformar em um lugar tão fascinante. Tendas, com diferentes DJs, espalhavam-se, animando todo o circuito. Tudo era incrível.

Aquele estilo de música não era o que mais me atraía, então me distraía com os artistas plásticos, visuais e performáticos que apresentavam seus trabalhos e interagem com o público. Se Enzo descobrisse que eu estava ali, acabaria enforcada... Já meu pai, se sonhasse que a filhinha não estava dormindo na casa de Ju Calixto — minha melhor amiga —, e sim bebendo em uma festa a duzentos quilômetros de casa, certamente me internaria em um convento.

Quando meu irmão me ligou, dizendo que não iria nos visitar no final de semana, pois havia combinado com o pessoal do esquadrão de ir para uma *rave* à fantasia, eu ficara curiosa e o bombardeara de perguntas, deixando-o sem chances de esconder qualquer informação.

– Que legal, maninho. Onde vai ser?

– Por que quer saber?

As respostas de Enzo eram sempre acompanhadas de perguntas. Não negava o sangue militar.

– Por nada, oras. Apenas curiosidade. Não posso mais perguntar ao meu irmão como são as festas que ele frequenta? — questionara, na tentativa de convencê-lo a me contar mais, usando a tática de ficar manhosa.

– Adoro contar para as minhas amigas os detalhes.

– Vai ser em Três Lagoas, na Fazenda Santo Agostinho, mas não vai se animando porque é bem longe de casa.

– Um dia ainda estarei em uma dessas festas — dissera, sonhadora.

– Esse tipo de evento definitivamente não é lugar para você.

– Posso saber qual é o tipo indicado para mim?

– Festas aonde só vão princesas. Sua fantasia de conto de fadas é muito inocente para uma *rave*. Lá é uma selva! Você se sentiria perdida logo na entrada.

– Já cresci, sabia? Quem disse que eu iria de princesa a um lugar desses? — desafiara-o.

Se estava pensando que eu ainda era aquela menininha que ele tinha deixado para trás quando decidira ir embora atrás do próprio sonho, estava enganado.

– Ninguém falou nada. Basta entrar no seu quarto que perceberá isso. Além do mais, não precisa ficar alimentando falsas esperanças na sua cabeça. Se estou dizendo que não é o tipo de festa para você, é porque eu sei.

O fato de querer manter o quarto como minha mãe havia decorado nada tinha de infantil. Era apenas uma lembrança boa que fazia com que me sentisse próxima dela.

– Se não é para mim, não deveria ser para você, certo?

– Sou homem, princesa. Sei me virar muito bem.

– Você é muito chato, isso, sim.

A intenção era chamá-lo de machista, mas eu hesitara, pois estava querendo fugir de discussões. No entanto, sem dúvida, eram absurdos os pensamentos dele.

— Um chato que a ama e só quer o seu bem.

*Como se soubesse qual seria o melhor para mim...* Depois de ter desligado, eu tinha ficado apenas sonhando em estar numa festa como aquela. No entanto, ao contar para Ju todos os detalhes que tinha descoberto nas redes sociais, ela me encorajara a acompanhá-la. Resultado? Estávamos ali. Teoricamente, deveríamos estar juntas, mas ela acabara me deixando de lado assim que se encontrara com um *peguete* e fora dar uma volta com ele.

— Maya, você jura que ficará bem sozinha? — questionara-me, preocupada, antes de sair.

— Essa tal de Maya eu não sei. — Sorri, cúmplice. Havíamos feito todo o trajeto até ali, criando uma história sobre nossas identidades para que ninguém nos descobrisse. — Porém, eu, Saori Kido, sei me virar muito bem — a tranquilizara. — A única coisa que pode acontecer é alguém notar que sou uma caipira e que nunca participei de uma festa como esta, principalmente quando eu for procurar um banheiro ou algo para beber.

— Do banheiro eu não sei, mas se não souber o que pedir para beber, preste atenção no que as garotas ao seu lado estão pedindo e faça o mesmo. Só não vai exagerar — aconselhara-me.

— Isso vale para você também!

Conhecendo-a, sabia que um lembrete como aquele seria em vão, pois Ju tinha nascido exagerada e livre. Eu ficava deslumbrada com a sua forma desencanada de viver.

— Só vou dar uma volta e já nos encontraremos.

Piscara para mim.

— Fique o tempo que precisar. Não esqueça que precisamos ir embora lá pelas três horas.

Precisaríamos chegar na casa dela antes de os pais acordarem. Nós tínhamos calculado cada segundo para que nosso plano desse certo.

— Prometa que vai se divertir!

— Já estou fazendo isso. Agora, vá fazer companhia ao seu par da noite, antes que outra o leve.

Eu indicara o perigo com o olhar: o cara caracterizado de havaiano parecia bem animadinho ao conversar com outra garota. Esperta, Ju havia jogado um beijo no ar para mim e se afastara.

Já no meio da noite, eu estava fascinada por tudo o que via à minha volta. Enquanto aguardava minha vez na extensa fila para pedir uma bebida, fui surpreendida por um cara fantasiado de Seiya de Pégaso, olhando para mim e sorrindo. Ele parecia brilhar, ofuscando os amigos que estavam por perto, como se fosse a estrela Sirius, a mais brilhante do céu noturno.

Até aquele momento, não havia me interessado por ninguém, pois a maioria dos caras que estavam naquele lugar parecia fazer parte do esquadrão do meu irmão. Apesar de fantasiados, os cortes de cabelos similares e a postura imponente eram inconfundíveis nos militares.

Por sua vez, meu admirador era diferente: usava cabelos revoltos e o capacete emblemático de Seiya de Pégaso estilizado, o que o deixava bem sensual na figura da personagem. Era perceptível que usava uma peruca para completar o figurino, mas, ainda assim, convenci-me de que não era alguém do esquadrão, porque todos à sua volta não tinham características militares.

Eu tinha tentado disfarçar meu constrangimento por ser observada, mas logo vi que aquilo era pura tolice. Afinal, naquela noite, eu era Saori Kido, a reencarnação da deusa Atena e principal personagem dos Cavaleiros do Zodíaco, o par perfeito para Seiya...

*Pura ironia do destino!* Pela centésima vez, havia me questionado sobre qual era o limite para me tornar uma mulher ousada e segura de mim, contrariando a ideia de menina indefesa que meu pai e irmão insistiam em perpetuar. O sorriso do homem fantasiado de Seiya, no entanto, ampliara-se... Era como uma hélice e criava em mim um furacão de fascínio descomunal. Disfarçadamente, verifiquei se na fila, ao meu redor, não havia outras garotas, tentando confirmar se o olhar era dirigido realmente para mim — e era. Aquela festa itinerante estava sendo diferente de tudo o que já tinha vivido até o momento.

Arrisquei ficar mais desinibida, principalmente por ter certeza de que estava irreconhecível na figura de Saori. Então, retribuí o sorriso, sentindo que a troca de olhares fazia minhas pernas bambearem. Seiya me encarava intensa e descaradamente, e meu ego inflou-se: sentia-me atraente e sexy, e isso era maravilhoso.

De acordo com o *Hipermito*, Saori era a deusa elogiada por todos por sua incomparável beleza, a qual tinha herdado de seu pai, Zeus. Naquele

momento, foi engraçado perceber que eu me sentia exatamente assim, esplendorosa, ao ser apreciada pelo desconhecido rapaz.

Estar fantasiada com uma peruca violeta, lentes de contato verdes e um forte delineador — puxado no canto dos olhos para dar o aspecto de que eram menores — fazia parte da caracterização da personagem e me dava um certo ar élfico. Todavia, quando a escolhi, não imaginava que ficaria tão irreconhecível. Admitia que os méritos eram de Ju, que havia feito um verdadeiro milagre em mim, e arriscaria dizer que até meu próprio irmão, se me encontrasse naquela festa, jamais me identificaria.

Não só na maquiagem caprichada ela havia conseguido fazer uma transformação, mas também o vestido branco de princesa, longo e godê, que, com o espartilho dourado, tornara-se curto e sedutor. Havia, contudo, um detalhe: eu não conseguia respirar direito, pois, para deixar parte dos meus seios exuberantes e quase à mostra no decote do vestido, ela apertara demais o corpete, tornando-o severamente desconfortável. Eu tentara reclamar, mas fora impossível argumentar. Com seu jeitinho, Ju me tinha me convencido de que, se eu não quisesse me parecer com a princesinha que minha família tanto protegia, precisava aguentar.

O cosplayer de Seiya fez sinal com o indicador, chamando-me para ir até ele. Diante daquilo, as pernas, já bambas, estremeceram ainda mais. Que Nossa Senhora de Loreto — padroeira dos aviadores — me ajudasse... Que bela maria-mole eu era! Nem na minha primeira aula prática para tirar o brevê de piloto eu havia ficado tão nervosa.

A probabilidade de eu ir até aquele desconhecido era quase nula. Afinal, de jeito nenhum sairia daquela fila, onde estava firme até aquele momento, só porque o par romântico da Saori havia aparecido diante de mim, no meio da multidão... Por falar nisso, a fila havia andado, e alguém atrás de mim me avisou. Dei alguns passos à frente, e o caracol de pessoas tirou o misterioso Seiya do meu campo de visão.

*Druga!* Inconformada, tentei procurá-lo pelo espaço entre as pessoas, mas foi impossível encontrá-lo. Que situação ridícula! Como podia ficar tão curiosa com alguém misterioso, cujo rosto eu mal conseguira ver? A máscara que vestia, complementando o figurino, poderia ser um pouco menor, mas era pura idiotice pensar naquilo...

Por que me importava a identidade daquele homem? Primeiro, era tudo fantasia, uma oportunidade perfeita para eu ser vista como uma

garota normal e, de quebra, talvez perder a virgindade com alguém da minha escolha — não que eu vivesse em uma cultura na qual a família escolhia o pretendente da filha, mas, se dependesse do meu pai, ele era capaz de me submeter a isso.

Curiosa, mesmo na ponta dos pés, não consegui avistar o rapaz. Então, para ter uma melhor visão, tentei me apoiar no pedestal que delimitava a fila à minha frente, contudo meu apoio estava solto. Tentei me equilibrar, sem sucesso, e já estava preparada para a queda quando, para minha sorte, alguém me segurou pela cintura.

— Procurando algo?

Amparada pelo meu salvador, virei-me e, diante de mim, estava Seiya. Como ele havia chegado tão rápido ali?

Prendi a respiração ao sentir o toque firme e seguro. Aquilo fez meus seios se erguerem ainda mais no decote do vestido. Os olhos marcantes, maquiados e delineados de preto, primeiro me encararam, depois desceram para a indecência do meu colo e pareceram se prender entre os montes dos seios, que eu imaginava mexerem com a fantasia de qualquer cara. Necessitando soltar o ar preso no peito, procurei chamar novamente sua atenção.

— Estava tentando observar o quanto o céu está estrelado nesta noite.

Seiya sorriu ao perceber o gesto. Eu podia apostar que independentemente de qual fosse minha resposta, ele saberia se eu havia falado a verdade — embora não pudesse ver nitidamente seu rosto, algo naquele olhar me dizia isso. Eu tinha certeza de que, sob aquela máscara, havia um homem de tirar o fôlego.

— Se nele rasgasse uma estrela cadente, qual seria o seu pedido?

— Agora? — indaguei, surpresa. Ele assentiu. — Tenho tantos desejos... Não saberia escolher apenas um. Mesmo que soubesse, jamais poderia contar para você. Ouvi dizer que um pedido só se realiza quando é guardado em segredo.

— Neste caso, como não há uma estrela cadente, o que acha de revelar apenas um? — argumentou, abrindo um sorriso largo que me desestabilizou.

— De preferência, um que nos envolva.

— Promete manter segredo?

Que pecado havia ali, naquela conversa recém-iniciada, para provocá-lo?

— Pela honra dos Cavaleiros do Zodíaco, confie em mim.

— Eu achava que Seiya e Saori eram apaixonados um pelo outro. — Ele abriu a boca, como se estivesse espantado, mas segurando a vontade de rir. — Acredito que não tinham coragem de revelar os sentimentos ou mesmo assumir um relacionamento, porque ela era uma deusa e ele, humano — dei minha opinião sobre a série da qual havia sido fã na infância.

Afinal, se estava fantasiado do personagem, decerto conhecia um pouco da história. A fila andou, e ele foi obrigado a me soltar.

— Discordo. Não acredito nisso... Para falar a verdade, acho que apenas Saori era apaixonada por ele. Seiya só era devoto de Atena e a via como uma deusa. Como ela representava a justiça e o amor, sentimentos em que Seiya acreditava muito, as pessoas acabavam confundindo as coisas. Nunca achei que deveriam ter um relacionamento.

Entendia a opinião dele, mas, ao mesmo tempo, senti-me criticada pela resposta. Não sabia se o motivo era a minha insegurança ou um julgamento genuíno por parte dele. Por isso, repliquei:

— São pontos de vista diferentes, mas eu adorava ver os sentimentos sendo expressados e, ao mesmo tempo, silenciados por ambos. Era algo triste e bonito ao mesmo tempo.

— Então, temos aqui uma romântica sonhadora? Jurava que seus passatempos preferidos fossem passar as horas vagas tirando canções no piano ou cavalgando por aí. Inclusive, arriscaria dizer que ama estar em contato com a natureza e, principalmente, com as flores.

As palavras dele me assustaram. *Como poderia saber tanto sobre mim? Será que fui reconhecida e essa forma máscula é de algum amigo de Enzo?* Ele notou minha expressão e deu de ombros.

— Não perdia um episódio. Você era uma personagem bem intrigante.

O alívio tomou conta de mim. *Ah, Deus, em que eu estava pensando?* Claramente, ele falava de Saori. Soltei uma sonora risada, e Seiya me acompanhou. Chegou minha vez de pedir a bebida e, sem saber qual escolher, tentei me lembrar do que Ju havia aconselhado. Uma garota ao lado fizera um pedido, e, quase instantaneamente, repeti o que ela havia dito:

— Por favor, um *Sex On The Rave*. — Seiya me olhou, surpreso, e, antes de descobrir o significado daquele espanto, agi naturalmente. — Se eu fosse Masami Kurumada, daria um final feliz para Saori e Seiya.

Mantive um olhar de teimosia, que, curiosamente, foi libertador. Em casa, não tinha sido acostumada a impor meus sentimentos e crenças.

— Já que estamos representando os dois, o que acha de realmente encarnarmos os personagens a partir de agora? — Sorrii e segurei a minha mão. — Venha. Pegue sua bebida. Vamos dançar e escrever esse tão desejado final feliz.

*Deveria acompanhá-lo?* De repente, o convite inesperado me fez perceber como eu realmente era: uma caipira brincando de ser despojada, saindo da redoma de vidro com a intenção de dominar a própria vida, sem ao menos ter certeza do que queria.

*Não dê confiança a estranhos! Fique longe de caras, eles só querem se aproveitar de uma boa moça! Não acredite em contos de fadas. Homens são como lobos e só querem sexo para depois dispensar a mulher!* Na minha cabeça, eu podia ouvir meu pai e meu irmão ordenando que fosse prudente.

Então, joguei os cabelos de lado, a fim de bloquear os conselhos deles da mente. Afinal, não queria continuar sendo somente a copilota da minha vida. Naquele momento, o manche estava em minhas mãos e, se fosse me deixar levar puramente por minha família e pela representatividade da minha fantasia — já que, na mitologia, Atena era uma deusa virgem que jurara jamais se relacionar com um homem —, eu responderia “não”. Todavia, no meu zodíaco, a mitologia era desrespeitada, e eu apenas ansiava por me divertir. Virei a bebida quase num gole só e apertei firme a mão do homem charmoso, deixando-o me levar.

O líquido, inicialmente doce, desceu rasgando pela minha garganta; o som da música aumentava conforme nos aproximávamos da arena, e aproveitei para pigarrear sem que ele percebesse. *Cruzes! Bebidinha bonitinha pelas cores, mas ordinária pela ardência!* Antes que tivesse tempo de me recuperar, Seiya me girou entre as pessoas e sorriu para mim, como se estivesse dizendo que aprovava o jeito com que havia deixado ele me conduzir, sem derrubar o copo ou tropeçar.

Dançar e equilibrar o copo não estava sendo fácil, mas agradei aos céus e à escola de dança por terem misturado algumas vezes a turma de balé com a de dança de salão. Tivera um ótimo proveito, e disso me orgulhava. Se um dia alguém dissesse que uma caipira não saberia aproveitar uma festa, estaria proferindo uma enorme mentira.

Meu acompanhante havia percebido que o copo estava nos atrapalhando um pouco, então pegou a bebida, levando-a até meus lábios. O líquido umedeceu-os e entrou pela minha boca lentamente.

– Parece tão doce...

Não tinha certeza sobre o que ele estava falando, uma vez que seus olhos possuíam uma ânsia maliciosa, mas era excitante ser servida... Tudo o que conseguia ver era aquele homem me observando como se sorvesse do líquido que me invadia. O calor da sua mão sobre a minha causava tremores, e fez o desejo percorrer meu corpo inteiro. De forma crescente, eu ansiava por mais toques, não só sobre a mão, mas nos seios e entre as coxas, que formigavam incessantemente. A bolha erótica estourou quando notei a bebida escorrer pelo meu queixo. Então, levantei a cabeça, e o líquido desceu mais um pouco, como se fosse uma fonte deslizando pela superfície, indo direto para o meio do meu colo.

– Você não quer provar? – Tentei buscar algo educado que recuperasse minha dignidade, a fim de evitar que ele pensasse que eu havia babado acidentalmente.

– Só se for você!

Aquela não era a resposta que eu esperava; mostrava-se mais como o prelúdio de algo muito mais erótico e atrevido. Obstinado a saciar a sede, Seiya provou da minha pele, lambeu meu colo, trillhou, com a língua, o pescoço, parando próximo à minha boca. A sensação eletrizante se apossava dos meus sentidos, até que suspirei, vencida, sem a menor intenção de protestar.

– Desculpe, mas não pude resistir. Licor de pêssego sempre foi o meu ponto fraco...

Ele abriu um sorriso de falso arrependimento, e, só então, percebi que havia esmagado o copo descartável entre as mãos, esperando por um beijo que não viera.

– Entre os outros ingredientes da bebida, o licor está bem acentuado.

Busquei um pouco de compostura, tentando me afastar.

– Totalmente aveludada e doce...

Mal ouvi o que ele tinha dito, embora soubesse que havia sido sobre a minha pele o elogio. Sem conseguir pensar em algo para responder, fui rodopiada por seus braços. Esforçava-me ao máximo para demonstrar naturalidade, mas o toque másculo despertava dentro de mim coisas inéditas, jamais imaginadas. Tudo o que havia ouvido sobre aquelas sensações tinha sido contado por minhas amigas.

A armadura da fantasia moldava seus ombros, ocultando as medidas reais do peito e dos braços, embora eu conseguisse ter um vislumbre do

antebraço descoberto, com veias saltadas e aparentes. Meus olhos vagaram sobre Seiya e pararam exatamente no volume da calça. *Nossa!* Eu precisaria das minhas duas mãos para segurar aquilo tudo... O corpo dele gritava tentação e luxúria. Molhei os lábios com a língua, enquanto sentia o desejo de provar tudo dele.

— Amo música eletrônica. E você?

Ali estava ele, novamente me olhando com um brilho diferente, a mandíbula marcante e as sobrancelhas escuras. Não parava de dançar e, para ser honesta, arriscaria dizer que só sensualizava tanto porque sabia que eu o estava observando. Isso só me atiçava mais, junto à curiosidade em saber como seria seu rosto.

De repente, as mãos que seguravam as minhas circularam minha cintura, cercandome com virilidade, e a influência afrodisíaca de um perfume amadeirado me desnor-teou. Mordi os lábios para evitar outro suspiro em reação ao toque dominador, enquanto sentia a excitação percorrer o corpo.

— E você, Saori? — insisti, já que eu nada havia comentado.

O senhor da sedução me encarava... Engoli em seco, sentindo a pulsação acelerar tão rapidamente que as veias pareciam carregar fogo líquido — aquele sujeito sabia perfeitamente como me afetar. A confusão sobre o que ele queria de fato saber me tomou.

— Eu... O quê?

— Gosta desse balanço? — A voz saiu baixa e melodiosa.

Meu corpo, encaixado no dele, acompanhava-o no ritmo da música, deixando evidente que eu não só estava gostando do balanço como também da situação. Sua boca era perfeita, e eu ficava imaginando o quanto seria macia quando se juntasse à minha. Ele também era bom em conseguir fazer uma garota confessar o que quisesse. Era difícil controlar as sensações e os pensamentos lascivos que ele incitava em mim, já que o contraste rijo do seu corpo moldando as minhas curvas transmitia a maior carga erótica que eu já havia experimentado. *Qual foi a última vez em que senti tanta vontade de declarar para alguém todos os meus desejos? Eu já encontrei um cara que me fizesse ser tudo aquilo com que sempre sonhei?*

— Minha preferida também — menti.

Aquele estilo de música não havia chegado nem perto das festas da igreja, da escola ou dos aniversários que eu costumava frequentar. Entretanto, importaria dizer a verdade, se a fantasia estava sendo muito mais prazerosa?

— Que dupla perfeita! Nascemos um para o outro, não acha? — respondeu.

Ele inclinou meu corpo, como se dançássemos tango: tinha-me em seus braços, totalmente vulnerável. Eu duvidava de que meu coração pudesse bater mais forte do que o fazia naquele momento e me perguntava se ser um bom dançarino era alguma técnica que ele usava para seduzir as parceiras — *seria ágil assim também para conseguir levar uma mulher para a cama?*

— Para que seja justo, também vou confessar um segredo — sussurrou, soprando as palavras próximo à minha boca. — Mais cedo, ao olhar para o céu estrelado, fiz um pedido.

Os flashes de luzes da iluminação na tenda produziam fagulhas excitantes. Ao mesmo tempo, o impacto de estar aprisionada naqueles braços, sentindo a muralha do peitoral masculino comprimindo meus seios, já tão sofridos pelo corpete, causava uma torrente de calor visceral. Meus mamilos se enrijeceram, as pernas bambearam. Nesse momento, sentia-me agradecida por ter parte do tronco apoiado nas pernas dele; caso contrário, iria me desmanchar no chão.

— Vai me contar?

Sorrindo com um humor fora do comum, Seiya sustentou nosso elo visual, abaixando um pouco mais a cabeça. Minha mente ficou em branco... Seus lábios, quentes, macios e inebriantes, roçaram minha face, arrastando-se lentamente para perto da minha boca. A chama do contato me arrepiou, e, em consequência, o formigamento se acentuou entre as minhas coxas.

— Estou disposto a fazer isso se me disser o seu nome.

Não conseguia tirar os olhos dele enquanto processava o que aquilo poderia significar. Embora estivesse hipnotizada, um resquício de consciência e razão ainda me auxiliou a não deixar escapar o que poderia me complicar.

— Assim você me decepciona. Pensei que tivesse me reconhecido quando me viu — respondi.

— Está dizendo que já a conheço? — Ele arqueou a sobrancelha. — Impossível! Se um dia tivesse a visto, com certeza não teria esquecido.

— Se não me conhecesse, Seiya, como poderia me descrever, logo que nos encontramos, com tamanha determinação? Tenho certeza de que, aqui nesta festa, ninguém conhece Saori melhor que você.

— Se é assim que deseja, vivamos a aventura desta fantasia — concordou comigo.

— Quer dizer que mereço saber qual o seu pedido?

Esperava que ele me colocasse de volta no chão, por causa do esforço que deveria estar fazendo para nos manter naquela posição. Contudo, isso não parecia o afetar em nada, o que me fez pensar que era especialmente forte.

— Merece muito. — A energia ilimitada que irradiava dele era contagiante. — Pedi para as estrelas que me trouxessem você. A ordem não foi exatamente esta, mas o importante é que estou aqui, agora, com você.

Os lábios masculinos tocaram os meus e senti que, se morresse ali mesmo, naquele instante, não me importaria. Lentamente, ele foi me suspendendo, e o encarei.

— Eu sabia que, ao beijá-la, não veria apenas uma estrela, mas sim uma constelação.

Por um momento, não me movi. A forma como ele falava e ajeitava o cabelo lilás atrás da minha orelha tornava tudo incrivelmente encantador. Cada olhar e ação dele me desprendiam do resto de juízo que eu ainda poderia ter; a gentileza me levava à beira de um colapso; a razão fugia do meu controle à medida que sentia novamente o encontro dos nossos lábios.

Ele não me conhecia e, mesmo assim, dominava-me com uma sedução agressiva, sem deixar rotas de fuga. Cada fio de cabelo meu se eriçou, quando sua língua invadiu minha boca, dominando todo o espaço e fazendo com que meu cérebro despejasse em mim uma overdose de hormônios de euforia. Seus braços fortes me apertaram, levantando meus pés do chão com facilidade. Sentir sua ereção se esfregar contra meu corpo explodiu minha libido — evidentemente, a partir daquele momento, nada mais importava.

Uma melodia altíssima havia estourado pelo sistema de som, então fomos trazidos de volta à razão. Tendo a magia sido rompida pela intrusão ensurdecidora, Seiya interrompeu nosso beijo por um instante e se afastou alguns centímetros. Mordi os lábios sensíveis para não fazer bico.

— Este lugar é definitivamente o último onde quero estar com você. — As mãos dele acariciaram a pele nua das minhas costas, propagando ainda mais o incêndio dentro de mim. — Precisamos sair daqui. Essa música enlouquece qualquer um.

De carinhosas, as mãos passaram a me segurar com força. Isso, aliado ao claro convite, foi persuasivo o suficiente para que eu assentisse e, novamente naquela noite, deixasse-o me guiar para onde quisesse.

– Pensei que gostasse do estilo, já que me levou até lá e parecia tão empolgado – contestei, seguindo seus passos largos entre as milhares de pessoas.

A combinação de choque e desejo decorrentes de me permitir ser arrastada daquela forma não impedia que eu continuasse, mesmo com a minha respiração saindo em rajadas ansiosas.

– Continuo adorando, mas prefiro ficar sozinho com você. Fico louco só de pensar em ouvir apenas o som das nossas respirações interrompendo o silêncio.

Eu era apaixonada pelo céu, e ele me levou às nuvens, como um anjo celestial. Evidentemente, para permitir ser conduzida daquele jeito, eu estava levando muito a sério o devaneio romântico em que Seiya e Saori ficariam juntos um dia. Era óbvio que transferi para a realidade o que sempre quis que acontecesse na ficção.

De repente, como num passe de mágica, eu me vi parada diante dele, encostada em um tronco enorme. Ali, a grande copa da árvore deixava o lugar escuro, dando a impressão de que éramos as únicas pessoas no planeta. Será que tínhamos caminhado até ali ou ele tinha poderes de teletransporte?

– Podemos ficar aqui? Não nos afastamos demais da festa? – perguntei, hesitante.

Seus dedos passaram pelos meus lábios, arrancando suspiro deles.

– Diga que você prefere ficar lá, e voltamos – falou repuxando a boca de lado, num sorriso malicioso.

Enquanto isso, os mesmos dedos quentes desciam pelo meu pescoço, indo de encontro ao contorno do vestido tomara que caia. Os movimentos deixavam claras suas intenções.

– Não é questão de preferência. Só acho que parece tudo muito escuro e distante.

Eu havia colocado os braços em seus ombros, na tentativa de ocultar a pele arrepiada, mas a privacidade gritava por sexo, e ele não escondia o que pretendia fazer. Era assim que aconteciam as coisas entre os casais que tinham química?

Meu movimento ansioso só facilitou o acesso para os dedos ágeis acariciarem a intumescência dos meus mamilos, arrancando outro gemido de mim.

— Talvez fosse essa realmente a intenção... — Seus lábios brincavam com a minha pele. — Ficamos longe de tudo e todos.

Seiya estava empenhado em me fazer esquecer o mundo. Era impossível conseguir raciocinar de forma coerente enquanto suas mãos e boca estavam por toda parte do meu corpo. Desejo e excitação haviam silenciado qualquer sinal de sanidade. Minha intenção, desde o início, havia sido me aventurar e conseguir o que todas as mulheres da minha idade tinham; então, seria incoerente querer voltar.

Escapar seria inútil e, sendo sincera, eu não queria fugir... Só pensava em continuar sendo tocada, ansiando ser devorada por aquele homem. Urgentes e possessivas, suas mãos, abertas, moveram-se até pousarem nas laterais do meu peito, entre os seios e as costas. Apenas a ponta dos dedos circulavam sobre o meu vestido, fazendo a pele se aquecer ainda mais.

— O que quer fazer? Voltamos ou ficamos aqui? — insistiu por uma resposta.

— Podemos pegar uma bebida e voltar aqui depois? Está tão quente!

Abanei-me, revirando os olhos na tentativa de colocar uma expressão convincente no rosto e torcendo para que, apesar de tudo, ele não aceitasse a sugestão.

— Se esse é seu desejo, melhor irmos, então. Se ficarmos, acredite em mim, de quentes vamos acabar incendiados.

Ele havia sido claro e direto... Além disso, mais uma vez havia deixado a decisão em minhas mãos. A incerteza entrara no caminho das borboletas que dançavam dentro de mim, mas foram elas que se encarregaram de levar para longe a insegurança. O que poderia dar errado? Afinal, éramos dois desconhecidos, o que só tornava as coisas melhores.

Outro ponto positivo era que, ali, eu poderia ser uma garota normal como as outras, e não mais a princesinha intocável da família. Não significa que isso estivesse influenciando qualquer decisão; eu ficaria porque queria me deleitar de desejo, e não por sentir medo de desapontar ou para alegrar alguém... Estava na hora de crescer.

— Vamos ficar.

Apesar da súbita coragem que me acometera, engoli em seco, enquanto Seiya sorria. Só então notei que ele havia puxado as duas pontas do laço que prendiam o corpete.

— Uma deusa decidida é minha perdição. — Não entendi se o elogio era para mim, ou para os meus seios, que praticamente ganharam vida própria e quase pularam para fora da roupa. — Você gosta de viver perigosamente? — indagou maliciosamente, mordendo o lábio inferior.

Enquanto isso, encarava meus seios, o que fez os mamilos intumescerem.

— Geralmente não corro riscos. — A pura e simples verdade. — Mas, hoje, ao segui-lo, descobri que isso me faz bem — completei a confissão com um sorriso atrevido, para mascarar o constrangimento que sentia ao notar que ele ainda olhava meus seios.

Antes que o bom senso me fizesse parecer mais inexperiente, fiquei na ponta dos pés e dei um beijo nele, algo parecido com uma bitoca.

— Acha que sou perigoso?

Em vez de pensar sobre minha provocação, ele parecia pronto a me desafiar. O rosto masculino se aproximou do meu, e sua boca sugou de leve o meu lábio inferior, insinuando que poderia ser perigoso se quisesse.

— Ou está com medo do lugar onde estamos camuflados? — sussurrou, enquanto se movia devagar pelo meu pescoço.

Naquela pergunta havia algo inebriante, intenso e flamejante, também por causa dos torturantes beijos e lambidas com que ele trilhava lentamente a minha pele cálida.

— Um pouco dos dois — respondi, quase sem fôlego, fechando os olhos para aproveitar cada sensação gostosa.

Então, um arrepio percorreu meu corpo todo — foi quando percebi que Seiya mordiscava um dos meus mamilos, prestando atenção em cada reação que causava em mim. Em seguida, fez o mesmo com o outro, arancando alguns gemidos meus.

— Talvez eu também me sinta perigosa ao seu lado — provoquei.

— Sendo assim, tenho certeza de que nunca mais veremos Saori e Seiya da mesma maneira.

— O beijo, por si só, já não mudou a história deles? — desafiei-o, arqueando as costas para buscar mais do seu toque.

Eu mal acreditava no que estava acontecendo, embora permitisse tudo.

– Ainda não, e sabemos disso, pequena deusa Saori.

O hálito dele me acariciava a pele, enquanto a língua deslizava e lambia devagar; os dentes mordiscavam, levando-me ao êxtase. Eu tinha apoiado a cabeça na árvore, atenta a todas as sensações que ele me causava. Seu olhar masculino me aprisionava de uma forma quase palpável, e tudo isso criava em mim uma necessidade ardente, bem como as conseqüentes fagulhas entre as coxas. Sentia-me sua refém, e isso quase me desmanchava de prazer. Eu lhe dava cada vez mais, e Seiya aceitava tudo de mim.

– Como imaginou o final feliz para o cavaleiro e sua deusa virgem?  
– indagou, antes de respirar fundo e soltar um gemido.

A menção de um desfecho romântico para nossas personagens me fez perceber que eu não sonhava com uma grande aventura amorosa apenas para eles, mas também para mim. Era engraçado como a vida poderia imitar a arte!

– Não acrescentaria nada além do que fizemos até agora.

– Quer dizer que somente alguns beijos a contentariam? – Agarrando-me pela cintura, Seiya roçou toda a masculinidade dura contra mim, dirigindo-me um olhar bem quente. – Está na hora de mostrar que, na vida real, o Seiya jamais se contentaria com tão pouco. Ainda mais tendo diante dele uma deusa tão perfeita.

Então, substituí a boca nos meus seios pelas mãos, segurando-os em concha, enquanto os dedos longos torciam meus mamilos. Eu só conseguia pensar que aquilo era muito bom, ainda mais quando senti sua movimentação ao se aproximar da minha boca.

A língua quente, lisa e escorregadia deslizou entre meus lábios e, voluptuosamente, levou a minha para dançar em um ritmo excitante: sem pressa. De forma lenta e sensual, as línguas entrelaçadas aumentavam nosso desejo, e fui às alturas.

Eu conseguia reconhecer o frio na barriga, era o mesmo que sentia a cada vez que arremetia o avião em um rasante na lavoura. A adrenalina era a mesma que tinha sentido em seus braços; eu nunca mais faria um voo daqueles sem me lembrar dessa noite.

Usando as mãos, ele me acariciou, subindo e descendo pelo meu corpo, até que chegou aos meus quadris e voltou a segurar firme para esfregar

a ereção em mim. Sentia que Seiya precisava, tanto quanto eu, de alívio para a dor latente do desejo.

Nossos gemidos de prazer se confundiam, e a tempestade sensual continuava. Empenhado em arrancar mais sons selvagens de mim, subiu meu vestido e explorou a calcinha, tateando cada centímetro da renda. Os dedos deslizaram para o meio das coxas, encontrando a parte do meu corpo que mais queimava. Então, seguiu para dentro, acariciando-me mais intimamente. Por onde passava, deixava-me molhada, e o calor aumentava — era como se tudo se incendiasse.

Eu havia ansiado muito por aquele toque... Imaginava que, com isso, sentiria alívio, mas, para minha surpresa, aconteceu o contrário: estava me perdendo nas melhores das sensações. Precisava de mais, queria mais. O desejo pulsava tão forte dentro da minha vagina, que eu estava quase implorando para fazê-lo ir além. Era incrível como, em segundos, eu ficara totalmente dependente daqueles dedos, como se fossem a salvação da dor que me dilacerava, capazes de me levarem ao limite.

Suguei sua língua com a mesma intensidade com que queria que entrasse em mim, mas as máscaras haviam impedido que eu passasse meu rosto pelo dele. Coloquei as mãos em seus cabelos e me frustrei por não serem naturais. Ele ficou lindo de peruca negra e fantasiado de Seiya, mas, agora, eu queria puxar com força aqueles fios e exigir que me desse o que estava prometendo. O que eu precisaria fazer para que ele também sentisse essa necessidade e perdesse o controle? Tudo isso deixou de ter importância quando o senti descer a minha calcinha. Por instinto, ergui uma perna depois a outra para ajudá-lo a arrancá-la.

Eu sentia uma urgência de tocá-lo, e não passei vontade. Quando juntou seu corpo novamente ao meu, pressionei minhas mãos em seus braços, admirei a solidez dos músculos e senti o calor da pele sob o cetim da camisa vermelha. Sob a fantasia, estava o meu cavaleiro, aquele que levaria consigo algo muito importante para mim... A boca impediu que eu falasse qualquer coisa, tomando-me em um beijo ainda mais voraz.

Buscando fôlego, nós nos tínhamos nos afastado um pouco, então notei que a boca dele estava ainda mais vermelha, manchada de batom. A situação me fez rir, orgulhosa. Era satisfatório saber que também podia marcá-lo, tendo em vista a marca que ele deixaria em mim.

Ele notou a minha euforia e entusiasmo, pois levou a mão livre à braguilha e deu um passo para trás. Mordido os lábios ao vislumbrar o volume impressionante. Seiya ameaçou colocou a ereção para fora, mas eu o detive.

– Será que seremos loucos se...

– Ficaremos loucos caso não o façamos, não acha?

Provocando-me, ele deslizou a mão sobre o cumprimento por cima da calça de cetim vermelha da fantasia. Aquilo parecia surreal, e, por outro lado, era muito bom sentir aquela liberdade proibida. Nunca havia imaginado que minha primeira vez poderia ser entre árvores, atrás de um estacionamento. Meu coração, que eu sempre entendera apenas como um órgão, gritava em protesto, por querer algo mais romântico. Então, verbalizar que concordava com Seiya – pois, ainda que não as cometesse, adorava loucuras – era intimidador. Com a boca seca, diante de tudo, umedecei os lábios.

– Acho que sim – concordei, ainda um pouco insegura.

Isso foi tudo o que ele precisou ouvir, pois assim que terminei de falar, Seiya já tinha na mão o membro grosso e roliço. Antes de voltar a se aproximar, colocou a camisinha, sem que eu o tivesse percebido pegar no bolso na calça. Ele fez tudo isso com a maestria de um ator pornô experiente.

Conforme deslizava a mão sobre a extensão e cobria as veias pulsantes, senti o latejar entre as pernas, causando-me o maior desejo da minha vida. Se imaginava que o coração era apenas um órgão, surpreendi-me com a vagina que babava mais do que uma boca em convulsão. Ela parecia salivar, formigar e estar em crise a ponto de se sufocar. Só haveria um remédio: precisava que ele a penetrasse logo. Afinal, aquele Seiya era perfeito demais para definir em palavras, uma tentação da qual não poderia abrir mão.

– Consegue colocar as pernas em volta dos meus quadris?

Assenti, e ele moveu os braços, erguendo-me em seu colo, enquanto suas mãos agarravam minhas nádegas. A saia curta, porém rodada, facilitou tudo. De fato, se alguém passasse por ali, não veria nada além de nossos movimentos.

– Confie em mim, deusa Saori. Eu a segurarei com muito prazer.

A carne quente encontrou o ponto que formigava, e senti o exato momento em que o pau grosso invadiu minha umidade quente e vibrante, profundamente. A dor havia sido tão intensa que gritei e o agarrei, imaginando que não aguentaria. Sempre ouvira dizer que doía a perda da

virgindade, mas aquilo era pior, pois estava sendo totalmente broxante, e eu nem podia dizer nada.

Aquele homem não tinha culpa e, na posição arreganhada em que eu estava, era compreensível que não percebesse nada de diferente. Cada vez que Seiya se retirava e voltava a me penetrar, o martírio aumentava. Tinha vontade de fugir e chorar, tudo ao mesmo tempo, mas me segurei com a esperança de que melhorasse.

Não era possível que existissem dois tipos de dores tão diferentes: uma capaz de vibrar até a alma, e a outra de me frustrar e machucar completamente. À medida que o vai e vem se intensificava, as coisas melhoravam, embora eu jamais pudesse dizer que estivesse sendo prazeroso. Estava gostoso, só. Nada como eu havia imaginado e ansiado, nada de ir à lua como um foguete.

Mas tinha acontecido como o ditado “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”: as coisas foram se encaminhando, e eu até consegui soltar outros tipos de gemidos, conforme a dor foi sendo substituída por algo mais prazeroso.

– Você está me deixando louco. Não sei se posso aguentar muito mais.

O que eu poderia dizer em uma hora daquelas? Fiquei quieta. Notando o meu silêncio, ele me encurralou contra o tronco da árvore, sustentando o meu corpo e trazendo uma das mãos entre nós, exatamente sobre meu clitóris, onde tanto havia gostado de sentir seu toque. A massagem fizera com que a dor fosse sumindo, desaparecendo, enquanto algo novo se apossava de mim. Só então, consegui olhar para ele e notar adoração, admiração, desejo e tesão em seus olhos nublados de paixão.

– Eu me sinto do mesmo jeito... Beije a minha boca! – pedi, sentindo-me feliz.

Seiya o fez, e esse beijo havia sido diferente: irradiando prazer, persuadira em vez de exigir; fora sôfrego, mas sem exagero. As línguas se embolaram, e gritinhos arfantes de satisfação saíram de nossas bocas quando meu corpo o aceitou prontamente, recebendo tudo o que ele queria me dar. Como se estivesse esperando o meu prazer, como um cavalheiro honrado, ele só se deixou levar pelo êxtase quando percebeu que meu interior se contraía, e eu pensei que explodiria de tanto prazer.

Tivera certeza de que, em outro momento, as coisas seriam ainda melhores, mas, para a primeira vez, aquela estava sendo bem satisfatória e

gostosa, mesmo depois de um início tão dolorido. Certamente, eu jamais me esqueceria do que vivi nos seus braços.

– Venha, minha deusa!

Aquela sensação havia sido muito melhor que os rasantes nas plantações. O AT-802F iria ficar com ciúmes de Seiya, pois as borboletas no estômago decorrentes de uma acrobacia jamais se comparariam ao buraco que parecia ter se formado em mim quando o orgasmo explodiu em puro êxtase.

Seiya, por sua vez, sentiu que havia me levado aos céus e, com mais algumas investidas, rosnou e me mordeu quando gozou, logo em seguida. Por muitos segundos, ficamos parados, incapazes de nos mexer.

– Isso foi foda!

*Literalmente!*, divaguei.

– Você tinha razão. O Seiya da ficção jamais chegará aos pés do real – confirmei.

Dei um beijo nele, que sorria. O som de passos sobre a folhagem chamou a nossa atenção.

– Não a assusta a possibilidade de alguém ter visto nossa aventura? – perguntei, preocupada.

– Deusa, a menos que eu seja o alvo de um inimigo que tenha um míssil apontado para mim, nada me assusta.

Um nó se formou na garganta. Não era possível... De todos os homens naquela festa, será que eu tinha me envolvido com um piloto do esquadrão do meu irmão? Se Enzo descobrisse, seria capaz de matar o companheiro e o enterrar vivo. *Que inferno!* Como eu tinha deixado de notar que o porte físico e imponente dele era exatamente o de um militar?

A fantasia podia ter disfarçado bem quem era, mas os sinais eram óbvios demais. A forma com que havia me interrogado discretamente, por exemplo, era uma evidência bem explícita. Além disso, ele não tinha deixado decisões em minhas mãos, como eu havia pensado; estava investigando o meu interesse e envolvimento. Isso era típico... Neta, filha e irmã de oficiais militares, eu deveria ter notado logo no início. Era assim quando estavam em missões secretas, nas quais precisariam obter informações preciosas.

Sem me importar com a possibilidade de não conseguir firmar os pés no chão, apoiei-me nos ombros dele e fiquei de pé. Seiya me olhou, surpreso, e seus olhos se arregalaram mais ainda quando me observou ajeitar a saia.

– Você era...

Ele não precisara concluir, o que aconteceu em seguida foi constrangedor demais. Olhei para baixo e vi a barra do vestido branco manchada de sangue. Como se não bastasse, logo acima, em vários tons degradê de vermelho, havia outras marcas, como se o tecido tivesse sido esfregado em algo repetidas vezes.

– Por favor, não considere isso maior do que é. Só me mostre a direção do banheiro e logo ajeito toda essa bagunça.

– De jeito nenhum deixarei você sair sozinha por aí desse jeito. Vai chamar a atenção de todos. Vou com você – com um tom possessivo e típico de militar, Seiya afirmou me encarando, como se suas palavras fossem lei.

Ele até podia ter razão, mas eu não me importava com o que pensava. Tudo o que me restava era a dignidade, e desta não abriria mão. O homem era mais encorpado, com os ombros largos, e bem mais alto que eu. Aquela dimensão toda me deu uma ideia.

– Emprста a sua camisa?

– Claro.

Prontamente ele abriu os botões, e... *Por Deus, Nosso Senhor! Que homem!* Embora fosse perfeito, o que mais me chamou a atenção foi a enorme tatuagem do deus grego Apolo segurando um grande arco e flecha, que ocupava suas costas quase inteiras. Não era à toa que eu havia me sentindo flechada logo no momento em que o vi.

– Só tem um probleminha: não poderei acompanhar você, porque nas dependências do evento é proibido circular sem camisa.

Claramente, ele não poderia. Militares seguiam regras e jamais as burlavam.

– Sem problemas. Eu a devolvo em alguns minutos.

Amarrando a camisa na cintura, saí apressada, mas antes havia dado uma olhada para ele.

– Antes de sair correndo, leve isto com você.

Ele piscou e abaixou o corpo para pegar algo do chão. Meus olhos seguiram seus movimentos, e congelei. A calcinha estava embolada e caída bem perto do tênis dele. Definitivamente, não podia ver uma vergonha, que já queria passar, mas de jeito nenhum eu vestiria aquela calcinha suja.

— Fique com ela como objeto de troca. Assim que eu trouxer a camisa, você me devolve.

Seiya sorriu e não hesitou em colocá-la no bolso. Desorientada e um tanto perdida, respirei fundo e senti em mim odores fortes de sexo. Não poderia encontrar meu irmão e muito menos Ju naquele estado. Explicar tudo para ela seria muito mais embaraçoso que omitir. No entanto, o destino não estava cooperando comigo, pois a encontrei acidentalmente em seguida, próxima aos banheiros químicos. Certamente, aquilo era castigo e praga do meu pai.

— Maya, por onde você andou? E que saia vermelha é essa?

Graças às aulas de corte, costura e customização, tinha aprendido a transformar algumas peças de roupas em outras. Por isso, a camisa do Seiya tinha virado uma bela saia.

— É de um amigo. Acabei me machucando e meu vestido manchou de sangue. Vim lavá-lo e logo devolverei a camisa.

Aquela não era uma mentira total. Tudo bem, não tinha sido um machucado, mas inicialmente havia doído mais que um joelho ralado no asfalto ou uma topada do dedinho do pé em uma quina.

— Vai ter que deixar para lavá-lo depois. Infelizmente, não temos tempo para isso.

— Por quê? Pelas minhas contas, estamos dentro do horário.

— Encontrei o idiota do seu irmão, e ele me reconheceu. — Realmente, as coisas não poderiam ficar piores. — O pior é que Enzo me contou que ligou para seu pai antes de vir para a festa e sabe que você ia dormir lá em casa.

— Ferrou! Estou perdida... Adeus à viagem sozinha para a Índia — lamentei.

Tinha me empenhado muito para convencer meu pai e Enzo a me deixarem fazer uma viagem com minhas amigas. Eu já era maior de idade, mas em todas as viagens realizadas até então, sempre tinha sido acompanhada por alguém da família.

— Se sairmos daqui agora, a história que inventei para ele pode dar certo.

— O que disse?!

— Inicialmente, ele não acreditou muito em mim, é claro... Aliás, Enzo nunca acredita, mesmo — ela deu de ombros —, mas comentei que insisti para vir e você não aceitou. Por isso, voltou para casa e, provavelmente, seu pai nem percebeu.

— Está louca?! Ele vai ligar para lá.

Entrei em desespero.

— Vai, mas só amanhã de manhã. Eu o convenci de que ligar agora só deixaria vocês preocupados e assustados.

— Precisamos ir embora.

— Era exatamente isso que estava falando. Venha, vamos logo! Se seu irmão nos vir juntas, estamos fritas.

Ju me puxou e eu fui rezando até chegar ao carro para que ninguém nos visse. Minha amiga e meu irmão tinham tido um caso no passado, e essa não era a primeira vez que ela se encontrava com ele e seus amigos. A desculpa que sempre dava para ficar atrás dele era a paixão que tinha pelas Forças Armadas, mas eu sempre desconfiara que a paixão era de outro tipo. Eles nunca haviam admitido, mas ali existia uma boa química.

— Espere! — gritei no carro, e Ju freou com tudo. — Preciso devolver a camisa do meu amigo.

— Não mesmo. Está maluca?! Querida, pelo tempo que demoramos para achar o carro, seu novo amigo já deve ter encontrado outra coisa para se cobrir há muito tempo.

Ela tinha razão. Decerto, em breve ele arrumaria outro alguém. Como consolação, eu ficaria com a camisa, e ele, com a minha calcinha... *Bela lembrança da conquista de uma garota que perdeu a virgindade embaixo da copa de uma árvore, numa noite estrelada.* Estava tudo acertado.

# 1

“As flores nascem e depois murcham... As estrelas brilham, mas algum dia se extinguem... Comparado com isso, a vida do homem não é nada mais do que um simples piscar de olhos, um breve momento.”

Shaka de Virgem

## *Major Bastos*

— Tudo certo para o churrasco do Tukanos amanhã? — questiono Marcondes assim que fecho o armário da base aérea e o vejo desligar o celular com um semblante preocupado.

Desde o primeiro ano de formação na AFA, Marcondes e eu vínhamos nos encontrando com Viana, Peixoto e Onassis pelo menos uma vez por mês. A ideia dessas confraternizações surgiu quando ainda éramos cadetes do esquadrão Tukanos. A primeira reunião havia acontecido logo depois de sermos submetidos à exaustiva semana de EXEC — Exercícios de Campanha — dentro da mata. Estávamos cansados e, ao mesmo tempo, animados para comemorar e relaxar um pouco. A partir dali, tudo se tornou motivo de festa.

Aquela também era uma forma de não romper o contato com o primeiro esquadrão de que havíamos feito parte. O grupo acabou virando uma família, na qual um dava forças ao outro para superarmos os desafios e as saudades dos entes queridos.

O confinamento durante toda a semana no alojamento não foi fácil, e nem sempre tínhamos condições de sair de Pirassununga para visitarmos nossas casas em outros estados; então, acabávamos ficando por ali. Uma vez que só Marcondes e eu optamos por vir para a base de Campo Grande depois de formados, sempre fazemos um esforço para viajarmos e nos reunirmos.

— Terei que furar de novo. Vou para Três Lagoas. Acabei de falar com Maya, e ela não está nada bem — responde.

Desde que o pai morreu, percebo o quanto Marcondes ficou dividido entre a família e o sonho de seguir a carreira de piloto; afinal, ele passou a se preocupar demais com o sobrinho e a irmã. Não a conheço pessoalmente, já que, apesar das inúmeras oportunidades, nunca deu certo de nos encontrarmos. Infelizmente, outras circunstâncias impediram que isso acontecesse.

Quando parece que vai dar certo, algo inesperado sempre aparece. Antigamente, nós nos falávamos muito pelo telefone fixo, quando ela telefonava lá para casa, porém, hoje em dia, ela liga direto no celular do irmão. A sintonia e conexão entre esses irmãos gêmeos é incrível. Por todo o apartamento, temos fotos das famílias, tanto da minha quanto da dele, e é espantoso como os dois são parecidos... Aliás, faz anos que não as atualizamos.

— Precisa de alguma coisa?

— Está tudo sob controle, só preciso realmente ir para lá. Maya é teimosa... Faz tempo que está com uma tosse alérgica, e toda vez que pergunto se foi ao médico, tenta me enrolar. Quero aproveitar que é feriado na segunda-feira e levá-la a alguma clínica na cidade.

— A Mulher-Maravilha é geniosa mesmo, né? Não muda nunca. Sempre achando que é invencível e incontrolável.

— Nem me fale. Ela não para... Da hora em que acorda até quando vai dormir. Faz questão de levar e buscar Apollo na escola, e, olha, é longa a distância da fazenda ao centro. — Marcondes termina de se trocar e fecha o armário. — Além disso, cuida da administração e agricultura pessoalmente sem reclamar de nada. Se sugiro algo diferente, logo vem com argumentos que me quebram no meio.

— Ela deveria dividir pelo menos as responsabilidades do filho com o pai. Está errada essa história de não contar para ninguém quem é ele.

Nunca tive esse tipo de intimidade com a irmã de Marcondes, então tudo o que sei é o que ele me conta. Contudo, na minha opinião, é bem estranho ela não revelar isso nem para o irmão.

— Cansei de falar. Já tentei de tudo, mas ela é irredutível. Faz seis anos que tento, em vão, e quer saber? Se não contou até agora, duvido que vá contar.

– Talvez tenha os próprios motivos. Quem sabe não é melhor assim. Sorrio ao pensar que também tenho meus segredos guardados.

Marcondes é meu maior confidente, mas nem por isso lhe conto tudo. Por exemplo, nunca mencionei a saudade que sinto da única mulher que conseguiu me encantar, em apenas uma noite, e depois sumiu, como num passe de mágica.

– Por pior que seja o pai do piá, ela não deveria privar Apollo e, muito menos, livrar o cafajeste dos seus deveres. Se encontro esse cara na frente, passo por cima dele.

– Pode ser que um dia o menino comece a fazer cobranças e ela tenha de revelar.

Marcondes me lança um olhar angustiado.

– Só espero que não seja tarde demais e que ela não se arrependa.

O som e a vibração de uma das aeronaves decolando sinaliza que chegou a nossa hora.

– É, amigão, o papo está bom, mas precisamos trabalhar.

Saio do vestiário, diretamente para a sala de comando, e pego o briefing da reunião de ontem, que contém todo o plano de voo planejado e discutido minuciosamente pelo esquadrão. Passo pela sessão de equipamentos de voo, pego o meu capacete e sigo para a pista.

Fico olhando para a importante proteção, pensando sobre o quanto é resistente a impactos e faz a segurança da cabeça de um piloto. Além disso, através do capacete, fazemos as comunicações com os demais pilotos da esquadrilha e com a torre de controle, e ele ainda é responsável pelo oxigênio durante o voo.

Já na pista, encontro o Tenente Marcondes me aguardando próximo ao Northrop F5, junto aos anjos da guarda que checam as aeronaves. Independentemente da missão, eles estão sempre aqui, checando tudo. Hoje, por exemplo, faremos um voo de exercício de patrulhamento e contamos com os anjos.

– Major.

Marcondes presta continência. Na sequência, devolvo a saudação. Se alguém nos visse chegando ao trabalho juntos, há uma hora, nem imaginaria que aqui dentro da Base precisamos de tanta formalidade. No entanto, a continência é essencialmente impessoal aos militares, e, por isso, é uma absoluta

obrigação mútua, a ser cumprida em qualquer situação. A saudação é dirigida ao uniforme e à insígnia — não a seu portador —, logo, independentemente da circunstância, os militares têm o dever de fazê-la. Nesse contexto, o fato de sermos amigos e dividirmos um apartamento não faz com que a continência deixe de ser necessária.

Nossa aeronave será a líder deste exercício — o AS, para ser mais preciso —, e teremos outras três aeronaves ALAS da esquadrilha seguindo nossas coordenadas e orientações. Sobrevoaremos o espaço aéreo brasileiro na divisa com a Bolívia.

Atualmente, fazemos parte do esquadrão Pegasus, do qual tenho muito orgulho e verdadeira paixão. Costumo seguir o velho pensamento: escolha um trabalho de que gosta e não terá que trabalhar nem por um só dia. Vivendo assim, é garantido o deleite pela eternidade.

— Bom voo para nós, Tenente!

Assumo meu assento. Nesses dez anos na vida militar, já fizemos inúmeros voos juntos, e, para mim, é sempre prazeroso tê-lo como companhia.

— O voo será perfeito. O céu está favorável. Cada vez que o vejo azul deste jeito, sinto-me mais próximo de Maya e Apollo.

Sinto-o nostálgico.

— Porque o azul faz você se lembrar deles, certo?

Se há algo de que o cara gosta, é se gabar, todo convencido, da cor dos olhos da família. Sempre que vamos fazer um voo com o céu limpo e sem nuvens, Marcondes diz algo a respeito. Parece até algum mantra ou superstição — ou, quem sabe, arrogância. As menções são extensas. Já ouvi de tudo...

— Marca registrada dos Marcondes — declara com serenidade.

— Novidade — brinco. — Só não entendi por que hoje não mencionou que, por coincidência, também é a cor dos seus olhos.

Brinco com ele, enquanto o pessoal de solo nos ajuda a colocar os cintos de segurança, ajeitar-nos no assento e ajustar os capacetes.

— Conviva com a inveja de não os ter.

Ele sorri.

— Quer dizer que ainda funciona o papinho de que os homens com olhos dessa cor são mais capazes de levar as mulheres às nuvens?

— Dá certo, porque não é uma promessa. Eu as levo, de fato.

Enquanto seguimos os procedimentos para decolagem, alfinetamos um ao outro.

– Cuidado... Uma hora dessas você vai encontrar uma mulher que o levará ao inferno!

– Está para nascer a capetinha que me pegará — diz, convicto.

– Talvez, se parar de fugir todo final de semana para aquele fim de mundo de fazenda, aconteça mais rápido do que imagina. Ou será que foge para lá para ter informações sobre a diaba que roubou seu coração?

É difícil Marcondes admitir, mas, no fundo, eu sempre desconfie de que ele nunca se esqueceu de Ju, o grande amor de sua juventude. Não costumo tocar nesse assunto, porque sei que é o limite a que posso chegar. O que aconteceu entre eles, meu amigo jamais relatou.

– É impressionante como as suas teorias são bizarras — declara. — Está tão preocupado com a minha vida, mas a sua não é tão diferente. Por que ainda não encontrou a sua capetinha?

– No meu caso, não ocorreu, porque são elas que fogem do próprio diabo.

Ele ri, enquanto esperamos a autorização de decolagem. Assim que a recebemos, iniciamos os primeiros procedimentos do voo. Alguns minutos depois, tendo seguido as instruções, pauso a comunicação com a torre. Comunico-me com as outras três aeronaves e me certifico de que está tudo certo, dentro do plano de voo.

A equipe do esquadrão é como uma irmandade, cuja formação é a mesma há anos. Não apenas no ar, mas também no solo, estamos unidos: todos por um, e um por todos. No prédio em que divido o apartamento com Marcondes, moram também o Tenente Ribeiro, com o aspirante Patacho, e os tenentes Avelar, Marinho e Fraga. A academia do prédio costuma ser o nosso ponto de encontro, onde treinamos juntos, comemoramos dias de vitória e conversamos sobre o que mais amamos, a aviação.

– Não acha que a aeronave está estranha? — pergunto a Marcondes.

Sinto que algo está fora do usual, mas não consigo definir.

– Não senti nada de diferente, Major.

– Talvez seja só impressão. — Deixo a mensagem gravada, mas meu sexto sentido indica que o mecanismo não está respondendo como de costume.

– AS, é o três — o ALA, conduzido pelo Tenente Avelar, contata-nos.

– AS na escuta. Prossiga — exijo.

Enquanto aguardo o *três*, por duas vezes a tela escurece momentaneamente no painel.

– Confirme a altitude que vamos manter.

– Dezessete mil pés — oriento, seguindo o plano de voo.

– *Três* ciente — responde.

Seguindo o plano, noto o distanciamento de um dos ALAs e comento com Marcondes sobre como, às vezes, Patacho é displicente.

– *Quatro*, é o AS. — Faço contato.

– *Quatro* na escuta, prossiga.

– Você está mantendo uma posição muito afastada. Por favor, se aproxime.

Logo que termino as instruções, uma luz vermelha de pane se acende no painel, fazendo com que uma sensação ruim surja em mim.

– Há uma falha mecânica. — Marcondes detecta junto comigo.

– Pan-pan, pan-pan, pan-pan<sup>1</sup>. Azul 1230 com falha mecânica — comunico ao controlador de tráfego aéreo e aos ALAs.

Esse procedimento é de praxe. Inicialmente, parece algo controlado, mas, para nossa segurança, é necessário ser realizado.

– Precisaremos fazer um pouso forçado — Marcondes completa.

– A pressão do óleo começou a oscilar e a temperatura a subir — informo.

Não temos como voltar à Base. Então, pedimos instruções ao controlador para uma pista ou área desabitada mais próxima. A situação da aeronave se agrava. Os ALAs se aproximam, porém, infelizmente, não podem nos ajudar.

– AS, *é o dois*. — Fraga tenta soar tranquilo, mas noto o tom de preocupação.

– Na escuta. Prossiga.

– Tem muita fumaça saindo do escapamento — relata.

– Ciente.

Tento manter a calma, mas o cheiro forte e quase asfíxiante de óleo queimando invade a cabine.

1. Na aviação, para comunicar uma pane ou outra emergência que coloque pessoas em risco, deve-se repetir três vezes seguidas a expressão “Pan-pan”.

– Não consigo ver o fogo – Marcondes explana a visão.

– A fumaça está nos impedindo.

Procuro um local menos acidentado para tentarmos pousar o avião. A linha limítrofe entre Brasil e Bolívia tem uma variedade de terrenos, incluindo grandes áreas urbanas, um deserto inóspito e florestas. O perímetro em que estamos consiste em pura vegetação fechada.

O painel se apaga completamente, e a aeronave perde totalmente a potência – a situação se intensifica. Tento acionar o trem de pouso, mas o mecanismo falha.

– Não há o que ser feito – constata Marcondes em um desespero quase comedido.

– *Mayday, Mayday!* O Azul 1230 sofreu apagamento total do motor e não está reacendendo. Tem fumaça e estamos perdendo altitude. Vamos ejetar.

No comando do voo, decido o que é melhor para mim e meu companheiro, uma vez que já fizemos de tudo para salvar a aeronave.

Transmito nossa localização e continuo a seguir os procedimentos, mesmo sabendo que os outros ALAs não estão fazendo o mesmo. Ouço-os pela radiofrequência nos desejando boa sorte – e realmente precisaremos, pois a vegetação abaixo de nós é muito fechada.

– Meu Deus! Que tudo dê certo! – Ouço meu parceiro pelo rádio.  
– Maya e Apollo só têm a mim!

O desespero na voz dele é agonizante. Ao mesmo tempo, o avião continua perdendo a altitude em uma velocidade impressionante, o que significa que temos pouco tempo. *Como é que ele consegue pensar em tamanha besteira neste momento?*

– Deixe de pessimismo, Tenente! Quantas vezes já pulamos de paraquedas? Vai dar tudo certo – consolo-o.

– Não é uma questão de pessimismo, é preocupação. Estamos em uma situação de emergência, sem nenhuma perspectiva do que vem à nossa frente.

Nunca o ouvi falar com tanto desespero, então me surpreendo. Marcondes sempre foi o amigo que transmitia segurança e jamais a incerteza. A altitude segue diminuindo.

– Não temos mais tempo. Vamos, agora!

Ativo manualmente o dispositivo de ejeção entre minhas pernas, e tiras me seguram pelos tornozelos. Elas ficam folgadas enquanto não há ejeção, segurando-me, assim, junto do banco.

Sinto a catapulta, na parte de trás do banco, impulsionar o ar pressurizado nos trilhos e, em seguida, o assento deslizar para cima. Não temos muito tempo para pensar. O canopi<sup>2</sup> é disparado para fora automaticamente, e a força da corrente de ar se encarrega de tirá-la por completo.

— Nos encontramos lá embaixo, Tenente! — Tento fazê-lo me ouvir ao sentir o impulso inicial e brutal dos foguetes abaixo do banco.

Eles me projetam com força total para o ar. Busco Marcondes no campo de visão e percebo que ele demora para ser ejetado. Começo a entrar em desespero e fico desorientado por alguns instantes por causa da pressão. Tudo é muito rápido e, em segundos, na baixa altitude, o paraquedas se abre. As alças do artefato me mantêm em posição vertical no assento. Imobilizado e preso ao banco, não consigo movimentar a cabeça para procurá-lo e saber se conseguiu sair da aeronave. *Meu Deus, ajude-o, por favor!*

— Marcondes! — em desespero e iludido, grito, na esperança de que ele possa me ouvir.

A explosão do avião se chocando com o solo acontece segundos antes da minha queda em meio à vegetação, e tudo se apaga.

Aos poucos, vou recobrando a lucidez... A dor me dilacera por inteiro. Tento me manter acordado, mas apago novamente. Vejo o blecaute e a luz alternadamente. Não sei ao certo há quanto tempo estou aqui, preso aos galhos, sem conseguir me mexer. Sinto a boca seca e a consequente urgência de beber água, ao mesmo tempo em que busco, dentro de mim, forças para me manter vivo.

As lembranças do segundo ano da AFA vêm à minha mente: eu e meu esquadrão fomos submetidos a setenta e duas horas em alto-mar, em balsas de sobrevivência semelhantes às que equipam as aeronaves da Força Aérea Brasileira, aeronaves essas que realizam voos sobre os mares. Durante o exercício, vivenciei as adversidades que um sobrevivente em ambiente marítimo enfrenta, equipado apenas por um pacote com seis jujubas e duzentos mililitros de água. Naquele momento, sentimos na pele o impacto

2. Canopi é a cobertura da cabine de pilotagem de alguns tipos de aviões.

da escassez de água potável e comida, do estresse psicológico, do desgaste físico e da exposição a condições meteorológicas diversas.

Posso dizer que aquelas tinham sido as piores horas que vivi até hoje, tratando-se de testar limites. Havia vomitado inúmeras vezes — os outros cadetes disseram que foram dezenove, e eu não me arriscaria em contrariá-los, mesmo achando um exagero. Dentro do bote, havia me agarrado apenas à ambição de atingir o objetivo do exercício.

No episódio, eu sabia que havia uma equipe médica e de resgate em prontidão, caso precisássemos acioná-los. Também tínhamos sido orientados e instruídos, teoricamente, a sobreviver — na prática — até o salvamento. Agora, tudo está sendo muito diferente, pois não sei quando serei salvo, e tenho a sensação de que meu corpo vai sucumbir aos ferimentos. Fico me perguntando onde meu amigo está, enquanto busco forças para pedir socorro. Então, mentalizo: *alguém me ajuda!*

Nos lapsos de lucidez, sinto o corpo tremer de tal forma que chega a bater no chão. Passado o tempo, na escuridão da noite, não sei distinguir se ouço o som de animais ou delírio. Agarro-me à fé em Deus, com a certeza de que está me guardando e logo trará ajuda.

— Socorro... Socorro...

São as únicas súplicas que consigo proferir, quase sem som.